

SARTRE E A FUNDAÇÃO DE UMA ÉTICA PARA O NOSSO TEMPO

Sartre and the Foundation of an Ethic for our Time

Joel Cezar Bonin¹
Joel Haroldo Baade²

RESUMO

Este artigo visa abordar os problemas ligados a uma vida ética para o tempo atual. São várias as desculpas diante dos imponderáveis conflitos humanos entre as escolhas e as suas consequências. Diante disso, a proposta deste artigo foi a de estudar o pensamento do filósofo francês Jean Paul Sartre e sua forte influência sobre a ética dos séculos XX e XXI. Seu papel foi preponderante na análise de um existencialismo ateu, porém engajado. Seu modo de pensar é profundamente atuante na medida em que ele afirma o papel do ser humano diante do mundo e diante dos outros seres humanos. Sua afirmação de que a existência precede a essência é o ponto mais alto de sua filosofia existencialista. Saber que o ser humano é um ser para a morte, como afirmava Heidegger, é visto por Sartre não como um derrotismo, mas como um caminho que leva à liberdade e à angústia, mas este segundo sentimento não é por si negativo, mas é o salto qualitativo que leva para a ação transformada do agir ético. Não se pode, segundo Sartre, delegar tamanha responsabilidade para outras pessoas, pois o que faz o ser humano realmente livre é a liberdade decorrente dos dilemas e da angústia de ser totalmente responsável por si mesmo e pela sua existência.

Palavras-chave: Jean Paul Sartre. Ética. Liberdade. Angústia.

ABSTRACT

This article aims to address the problems linked to an ethical life for our time. There are several excuses before the imponderables conflicts between human choices and their consequences. Therefore, our proposal was to examine the thinking of the french philosopher Jean Paul Sartre and his strong influence on the ethics of XX and XXI centuries. His role was predominant in the analysis of an atheist existentialism, but engaged. Their way of thinking is deeply active in that it affirms the role of the human being before the world and before other human beings. His claim that existence precedes essence is the highest point of his existentialist philosophy. Know that we are beings to death, as Heidegger said, is not seen by Sartre as a defeatism, but as a path that leads to freedom and misery, but this second sense is not negative per se, but it is the qualitative leap that we takes action to transform the ethical act. We can't, according to Sartre, depute such responsibility to other people, because

¹ Doutorando em Filosofia na PUC-Curitiba. Professor da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-UNIARP, Caçador, SC. E-mail: joelbonin@yahoo.com.br.

² Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo, RS. Professor e pesquisador da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-UNIARP, Caçador, SC. E-mail: baadejoel@gmail.com.

what makes us truly free is freedom resulting dilemmas and angst of being totally responsible for ourselves and our existence.

Keywords: Jean Paul Sartre. Ethics. Freedom. Misery.

1 INTRODUÇÃO

Jean Paul Sartre é considerado um dos pensadores mais revolucionários do século XX. Sua obra perpassa inúmeros aspectos do pensamento humano, mas principalmente após as funestas consequências da Segunda Guerra Mundial, Sartre se dedicou a pensar os problemas decorrentes da ética e do comportamento humano. A principal obra que aborda diretamente esta temática chama-se “O Existencialismo é um Humanismo” e é resultado de uma conferência proferida em 1945, em Paris, para defender e difundir as ideias de sua corrente filosófica, o existencialismo. É verdade, contudo, que Sartre não é o único representante desta linha de pensamento, mas ele é considerado, ao lado de Martin Heidegger, um dos poucos pensadores que se atreveu a apresentar uma visão de mundo mais humanista (ateísta) e menos transcendental (religiosa).

Segundo Sartre, a situação humana, principalmente em momentos de crise, carece de respostas imediatas. A situação desencadeada pelo nazismo exigia uma ação dos indivíduos, que não poderia ser relegada para o futuro ou para uma outra esfera da existência, como era pregado por muitas religiões. A existência se dá no agora e, portanto, precisa ser vivida de modo consequente. Nesse sentido, Sartre chama as pessoas à responsabilidade, baseada na liberdade de fazer as escolhas mais adequadas às situações em que se encontram.

Na sociedade atual, por seu turno, constata-se uma mudança no comportamento que, por um lado, concentra-se no aqui e no agora, no momento presente; mas que, por outro, não se transformou numa vivência autêntica e de responsabilidade. A ação humana concentrou-se no presente, embora não como pretendia Sartre. Dessa forma, entende-se que o pensamento sartreano continua pertinente para a reflexão sobre a ética, precisando, contudo, de ressignificação para as características da conjuntura da sociedade atual. O presente artigo pretende contribuir para essa reflexão.

Para viabilizar esta análise, o presente artigo está estruturado em três pontos importantes: a abordagem do problema da liberdade total, a relação entre angústia e liberdade e a dicotomia entre individualismo e escolhas éticas. Deste modo, diante destes dilemas existenciais, pretende-se aprofundar e finalizar a presente análise com duas possíveis indagações: o ateísmo é tão pernicioso para o tempo atual? Ou foi a irresponsabilidade do ser humano diante de si mesmo que tornou o mundo este caos que pode ser presenciado todos os dias?

2 A PROCURA DA LIBERDADE TOTAL

Um dos grandes focos do pensamento sartreano é a procura da liberdade total, determinada pela capacidade que cada ser humano tem de ser autônomo. Esta autonomia só se concretizaria, de fato, na medida em que as pessoas fossem capazes de fazer escolhas pessoais, totalmente desvinculadas de modelos ou estereótipos pré-estabelecidos. Ou seja, o ser humano não possui uma natureza única, pré-definida que o insira em um mundo já dado e criado. A pessoa precisa, diferentemente das coisas, tornar-se o que quer ser. Não há uma essência e, neste sentido, uma natureza humana, há apenas a sua existência. Todavia, para mostrar a primeira diferenciação entre o humano e as coisas, o próprio Sartre orienta sobre o caminho a ser seguido para se compreender esta separação:

[...] Quando consideramos um objeto fabricado, como um livro, ou um corta-papel, por exemplo, esse objeto foi fabricado por um artífice, inspirado em um conceito; ele tinha como base o conceito de corta-papel e, também, uma certa técnica de produção anterior que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma fórmula. Desse modo, o corta-papel é simultaneamente um objeto que se produz de determinada maneira e que, por outro lado, possui uma utilidade definida e, não se pode supor que um homem produza um corta-papel sem saber para que tal objeto serve. Então dizemos que, para o corta-papel, *a essência – ou seja, o conjunto dos procedimentos e das qualidades que permitem produzi-lo e defini-lo – precede a existência.* (SARTRE, 2010, p. 23, grifo nosso)

Ao descrever esta fórmula, Sartre, de certo modo, apropria-se de um entendimento que era aceito pela sociedade de seu tempo. Mas ao dissertar sobre a relação da pessoa com a sua própria liberdade e com Deus, o pensador francês expõe um ponto de vista muito mais contundente: o indivíduo não pode ser livre se houver um Deus ou qualquer outro ser superior, que o governe tal qual um títere.

Deste modo, a liberdade total defendida pelo autor precisa ser efetivamente plena. Esse pressuposto, apesar de ser muito forte ou inaceitável para muitos, é o principal orientador do pensamento de Sartre. Esta avaliação é demarcada pelo próprio contexto histórico no qual Sartre se fazia presente. Todas as atrocidades cometidas pelos nazistas, a angústia existencial da desorientação, a falta de rumos diante do posicionamento político das nações e das instituições religiosas fizeram com que Sartre se colocasse ao lado do ateísmo e na defesa de uma autodefinição do ser humano diante de sua própria existência no mundo:

Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz. (SARTRE, 2010, p. 25).

Agora vem à tona uma questão fundamental diante do pensamento sartreano: o que significa ser um existencialista? Significa ser um egoísta? Um ser humano que só pensa em si mesmo e está, por seu turno, desinteressado pela vida dos demais? Sartre responde a todas estas questões afirmando que não. Não obstante, muito pelo contrário, o existencialista é uma pessoa que assumiu totalmente os riscos da sua própria existência, sem olvidar do resto da humanidade. Ele afirma que aqueles que são capazes de fazer escolhas sinceras e honestas incitam os demais a fazerem o mesmo, pois, na medida em que o sujeito faz escolhas, ele está afirmando que os demais podem fazer o mesmo. Contudo, é importante salientar que este caminho de decisões deve sempre partir da subjetividade, para então, alcançar a coletividade.

Quando dizemos que o homem faz a escolha de si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens. Com efeito, não existe um de nossos atos sequer que, criando o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem conforme julgamos que ele deva ser. [...] Se eu sou um operário e escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, se, por esta adesão, eu quero indicar que a resignação é, no fundo, a solução que convém ao homem, e que o reino do homem não se dá nesta terra, eu não estou decidindo apenas meu caso particular: eu quero resignar-me por todos,

consequentemente, minha escolha envolve a humanidade inteira. (SARTRE, 2010, p. 27-28).

Porém, a autenticidade da escolha repousa sobre o princípio da liberdade. Ninguém pode convocar a humanidade inteira a fazer escolhas se ao fazê-las, o sujeito estiver sendo forçado a isso. Dessa forma, o próprio Sartre constata que há inúmeros impedimentos para o exercício da liberdade total, entre eles, há o problema da angústia.

3 O PROBLEMA DA ANGÚSTIA

Segundo Sartre, o maior impedimento que coíbe a efetuação de escolhas é o problema existencial da angústia.

Deste modo, é na ação que o homem faz a experiência de sua liberdade, e a partir da escolha começa a ter consciência de ser um sujeito absolutamente livre e, ao perceber-se como liberdade, o homem imediatamente se vê sozinho e responsável pelo seu próprio ser. Esta constatação pode gerar grande angústia, pois não há desculpas nem disfarces. É preciso assumir a responsabilidade pelo seu próprio existir, é necessário a cada novo dia escolher-se como homem que elegeu tais e tais projetos. (BUENO, 2007, p. 34-35).

Diante disso, decorre uma compreensão assaz interessante, pois o sujeito, ao decidir por um caminho, poderá frustrar-se por ter cometido um equívoco ou incorreção. Entretanto, é esta responsabilidade e “emancipação” que Sartre almeja: mesmo que o sujeito tenha cometido um grave erro pela ação que decidiu tomar, ele torna-se mais humano, pois compreendeu que não poderá culpar ou responsabilizar outrem. A angústia não deve ser o ponto de chegada, mas deve ser um elemento a ser computado na trajetória para a autonomia, isto é, o risco de errar deve ser incorporado nesta equação. Isso, por outro lado, não significa dizer que o ser humano deve ter medo de agir, devido às desditas que a angústia pode engendrar, mas, ao contrário, que ele só pode superar a angústia agindo. “É na angústia que o homem toma consciência da sua liberdade ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser” (SARTRE apud ROCHA, 2005, p. 142).

Osvaldino Rodrigues (2010, p. 171-172) afirma de maneira muito precisa

sobre o conceito de liberdade em Sartre:

Não há uma "liberdade perdida" a ser encontrada ao modo do paraíso perdido. Liberdade é a condição mesma [do ser humano], sua constituição ontológica. É exatamente a experiência da liberdade como absoluta, da liberdade enquanto liberdade [mesma que faz o homem ser o que é].

A inatividade e a indecisão só podem ser superadas se as pessoas assumirem plenamente a sua capacidade de decisão sobre suas próprias vidas. Dito de outro modo, as pessoas não podem aceitar o que lhes é imposto sem indagar ou questionar o papel principal que elas devem adotar, ao mesmo tempo, que não se pode repassar todas as responsabilidades pessoais para outrem. Deste modo, não existem mais culpados externos.

Quando, por exemplo, um chefe militar assume a responsabilidade de atacar e envia um certo número de homens à morte, ele faz uma escolha, e a faz, no fundo, totalmente só. Sem dúvida há ordens que vêm de cima, mas elas são amplas e precisam de uma interpretação, que será dada por ele, e dessa interpretação depende a vida de dez, quatorze ou vinte homens. É inevitável que ele tenha, ao tomar essa decisão, *uma certa angústia*. Todo chefe militar conhece essa angústia. Isso não os impede de agir, pelo contrário, é a condição mesma de sua ação, pois supõe que eles vislumbrem diversas possibilidades e, quando optam por uma delas, percebem que *ela só tem valor por ter sido escolhida*. (SARTRE, 2010, p. 30-31, grifo nosso).

Deste modo, é importante atentar-se ao porquê da subtração de um ser supremo no pensamento de Sartre. No mesmo período histórico de Sartre, muitos tentavam responder ou compreender os problemas vividos em decorrência da Segunda Guerra Mundial com uma explicação divina e supranatural. Mas, segundo ele, era necessário encontrar no próprio ser humano o sentido para tudo o que ocorrera. Nesta perspectiva, infere-se que não é possível mais confiar aquilo que é humano a um ser divino. Nota-se aqui uma inversão de paradigma: o sujeito precisa encarregar-se de si mesmo e suspender a responsabilidade de tudo aquilo que acontece a sua volta como castigo/punição ou recompensa/bônus de um deus. É essa maturidade que Sartre quer do ser humano. E é por esta ótica, que Sartre afirma que o existencialismo é um humanismo.

Não há outro universo senão um universo humano, um universo da subjetividade humana. Esta ligação da transcendência, como constitutiva do homem – não no sentido em que Deus é transcendente, mas no sentido de superação – e da subjetividade, no sentido em que o homem não se

encontra encerrado nele mesmo, mas sempre presente num universo humano, é o que denominamos de humanismo existencialista. Humanismo, porque lembramos ao homem, que não há outro legislador senão ele mesmo. [...] (SARTRE, 2010, p. 60-61).

Outrossim, é importante destacar que no pensamento de Sartre, o ateísmo, apesar de ser uma verdade incontestável, não é o ponto fulcral de seu debate sobre a escolha de si mesmo, mas um aspecto que deve ser ponderado no cômputo das preferências pessoais. Aliás, mais do que um ateísmo, o seu modo de pensar evidencia, prolixamente, o humanismo do humano. Não é à toa que os pensadores deste período, defendem o “humano demasiado humano”, pois, na medida em que resta o “homem e as suas circunstâncias”, como afirma o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, só é possível que o indivíduo decida por si mesmo em última análise.

Há em Ortega uma rigorosa conceituação filosófica acerca da relação entre o Eu e sua circunstância. "Eu sou eu e minha circunstância – afirma Ortega (1967) - e se não salvo a ela, não salvo a mim" [...]. Assim, mesmo antes de explicarmos o que significa "salvar a circunstância" para Ortega, já podemos adiantar que na fórmula: "Eu sou eu e minha circunstância", temos um "Eu" que está nativamente aberto à sua circunstância, isto é, à realidade que o circunda. Esta realidade é, sem dúvida, distinta do Eu; mas, ao mesmo tempo, é inseparável dele; de modo que, para Ortega, não há como tomar o Eu sem sua circunstância (SANTOS, 1999, p. 62).

Sendo assim, só se pode afirmar algo sobre aquilo que se vivencia e, para além disso, nada mais se pode dizer, pois o indivíduo é influenciado pelas circunstâncias o tempo todo.

Por este olhar, o abandono do transcendental ou do fenômeno religioso não significa uma abdicação total da crença em algo que ultrapasse o próprio humano. Contudo, este ultrapassar não pode residir em um céu intangível, metafórico ou etéreo. Deve, ao invés, ser tangível, possível e, por extensão, realmente humano. Isso não é “um balde de água fria” nos sonhos dos seres humanos, mas uma verdadeira aceitação de seus limites e uma correta motivação para a sua superação aqui e agora, neste mundo, mesmo que esteja repleto de contradições e antagonismos.

Sartre afirma o seguinte sobre a relação entre ateísmo, cristianismo e

humanismo.

O existencialismo não é, sobretudo, um ateísmo no sentido de empenhar-se para demonstrar que Deus não existe. Declara, ao contrário que, mesmo que Deus exista, isso não mudaria nada; este é o nosso ponto de vista. Não quer dizer que creiamos que Deus existe, mas que achamos que o problema não é sua existência ou não. O homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus. Neste sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação, e apenas por má-fé é que, confundindo seu próprio desespero com o nosso, os cristãos podem nos chamar de desesperançados.” (SARTRE, 2010, p. 61-62).

Constata-se, portanto, que o problema da angústia faz com que o indivíduo corriqueiramente fuja das responsabilidades de suas decisões, por considerar a autonomia um fardo demasiado pesado a ser carregado.

4 O CONTRASTE DA ÉTICA SARTREANA E DO INDIVIDUALISMO

Diante do relatado até aqui, pode-se inferir algumas conclusões que se fazem necessárias para que o prosseguimento do pensamento ético de Jean Paul Sartre seja claro e distinto. Primeiramente, Sartre não é um ateu sem escrúpulos; ele não defende nenhuma atitude que seja totalmente avessa às regras (anomia). Outrossim, ele se posiciona claramente contra a existência de um deus, contudo, isso não pode levar à indução de que não existam princípios norteadores para a ação humana. Ele não defende um caos completo. Ao contrário, ele prega um *nomos*. Um *nomos* que prioriza o humano, a experiência mundana, pois “do ponto de vista sartreano, podemos considerar o humano enquanto projecto ou como já contido num sistema, ‘o essencial não é o que se fez do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele’” [sic.] (ROCHA, 2005, p. 167). Deste modo, não repassar para um ser superior a responsabilidade das ações é o ponto chave do pensamento ético sartreano, pois a responsabilidade pelas ações é algo inerente ao ser humano.

Neste ponto, pode-se dizer que a ética sartreana é uma ética que valoriza as escolhas que se faz, que evidencia o papel do sujeito diante de sua própria história. Estas escolhas determinam a própria ideia de existência e de autodefinição. Quando se escolhe algo, afirma-se com clareza quem se é e quem se quer ser. Por isso, não

é possível aceitar as regras sociais unilateralmente, pois é necessário posicionar-se diante da imposição da heteronomia, ao mesmo tempo em que se deve abominar a anomia. O que importa realmente é a ênfase na autonomia/responsabilidade do sujeito.

Por este prisma, a atitude também está voltada para a coletividade, mas o ponto de partida é o próprio indivíduo. Não deve haver solipsismo ou centralismo sobre o caráter individual. Não deve ocorrer uma análise cega no que tange ao caráter filosófico e social do próprio sujeito que decide. Talvez aqui ocorra uma possibilidade de afirmação de que Sartre avalie o papel da importância da comunidade que age em sintonia com o critério ético da escolha. Não se pode decidir sobre todos, mas quando se escolhe, diz-se “sim” para um projeto e afirma-se que todos podem fazer a mesma coisa.

Neste ponto, é importante destacar o significado etimológico da palavra “projeto”: lançar-se, jogar-se para frente. Este lançar-se representa, em muitos momentos, um “salto no escuro”, “um pulo para o abismo”. Mas isto não deve ser sinônimo de angústia ou desespero, mas de tomada de decisão. Só é possível crescer e amadurecer na vida, na medida em que se assumem riscos. E esta ideia é uma ideia profundamente sartreana. Como já dito, como não se nasce com uma essência, é preciso definir quem se quer ser, pois na mesma medida em que isso ocorre, o ser humano vai se tornando enfaticamente autônomo. Ou seja, a existência consiste num constante vir a ser, num projeto sempre a se fazer.

Por este viés, Sartre pondera que os existencialistas não defendem o subjetivismo, mas o existencialismo. E sobre isso, ele afirma:

Não há doutrina mais otimista, pois ela coloca o destino do homem nele mesmo; também não pode ser considerado uma tentativa de desencorajar o homem de agir, já que afirma que não existe esperança senão em sua ação, e a única coisa que permite ao homem viver é o ato. Consequentemente, sobre esse plano, nós temos é que realizar uma moral da ação e do engajamento. Contudo, somos criticados ainda, a partir desses poucos elementos, de fechar o homem dentro de sua subjetividade individual. [Porém, ao contrário], para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu passe pelo outro. O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento. Nestas condições, a descoberta de meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um

mundo que chamaremos de *intersubjetividade*, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são. (SARTRE, 2010, p. 47-49, grifo nosso).

Por esta razão, pode-se afirmar que a ética sugerida por Sartre contrasta profundamente com a ética individualista predominante na sociedade atual, segundo a qual desejos são tomados como direitos. Segundo Bauman e May (2010, p. 142), a definição da própria identidade por meio da intersubjetividade é deveras custosa, produtora de ansiedade e angústia. Por esta razão, não é de se estranhar que tantas pessoas estejam dispostas a pagar por uma identidade que pode ser montada numa espécie de *identikit* “para a montagem em estilo ‘faça você mesmo’ (FVM) de um self customizado”. Diferente do que propõe Sartre, a definição do que se quer ser não é mais uma questão de escolha, mas do que se pode comprar.

De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu (2007), um dos critérios atuais mais usados para distinguir uma classe da outra é o estilo de vida. Isto significa dizer que não são as diferenças econômicas estritamente que definem o que é uma classe, mas predominantemente o critério do aporte cultural que cada grupo social possui. O estilo de vida, o comportamento, o padrão estético, os hábitos de consumo podem influir sobre o *modus vivendi* de determinados grupos sociais. É o distintivo, a insígnia que separa um grupo do outro. O caráter mais eminente da separação de classes, para Bourdieu, reside na ideia de capital cultural e capital simbólico. O que separa um grupo do outro é, contudo e sobremaneira, a capacidade de sobrepor-se sobre os outros grupos, criando estilos e modos de vida cada vez mais distintos. Além disso, há uma rotatividade muito grande destes estilos de vida, pois na medida em que um grande número de pessoas se enquadra nestes padrões, um novo estilo de vida precisa ser criado. Deste modo, o que caracteriza esta distinção é a capacidade de adaptar-se e readaptar-se continuamente aos novos padrões sociais que são produzidos principal, contínua e invariavelmente pelo poder econômico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito recorrente do ser humano encontrar diante de suas frustrações e angústias um “culpado” pelas coisas que lhe acontecem. É muito fácil encontrar em

textos sagrados de muitas religiões, diversos episódios nos quais a oblação de animais servia como instrumento de absolvição das culpas e dos pecados cometidos pelos seres humanos. Donde surgiu a ideia de “bode expiatório”. O tempo passou, mas a prática ainda continua. Ao invés das pessoas matarem animais, elas encontram maneiras ou subterfúgios que justifiquem a culpabilidade pelos atos que cometeram, pois, como afirma Rocha (2010), o livre-arbítrio, como definem as religiões, não é liberdade, mas uma escolha determinada entre isto ou aquilo e na qual está implicada a ideia sobre a qual um indivíduo pode transferir a responsabilidade de suas ações, haja vista que sempre está em aberto a possibilidade de que o sujeito defina sua escolha a partir de um outro ponto, argumentando que fez alguma coisa porque alguém ordenou. Talvez não seja por acaso que se experimente no tempo atual uma espécie de reencantamento do mundo, com a proliferação de novas correntes religiosas, sempre dispostas a atribuírem a desgraça humana a entidades sobrenaturais, pelo menos sob o ponto de vista do discurso. Porém, em Sartre, na ausência de um transcendente (deus, o diabo ou os outros, neste ponto de vista), para o qual o sujeito possa transferir esta responsabilidade, ele deve assumir a sua ação livremente, uma vez que a liberdade é o modo pleno de ser do sujeito em si mesmo, e isso não é um objeto que se possui, mas algo que se manifesta até mesmo quando se age por má-fé, pois deve-se saber que, quando não se escolhe, ainda assim se escolhe. O não escolher também é uma escolha.

Por este viés, acredita-se que a questão apontada no início deste artigo, pode ser respondida com clareza: o caos que se vive na contemporaneidade é resultado da carência de pessoas decididas a serem verdadeiramente responsáveis pelas escolhas que fazem. A ética seria, assim, uma escolha pessoal e sincera pelo próprio humano. Não há, portanto, um destino, mas a trajetória que é construída com base nas decisões dos indivíduos. Não se pode crer que a humanidade é refém do caos, mas que ela é criadora deste caos. A liberdade é a única condição verdadeiramente humana. Segue-se regras sociais, respeita-se a diversidade humana, mas não se pode abrir mão da ideia de que nos pequenos intervalos entre o individual e o coletivo, a liberdade deve ser exercida sem angústias ou “bodes

expiatórios”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a Pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP 2007.

BUENO, Isaque José. **Liberdade e ética em Jean Paul Sartre**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. PUC-RS. Porto Alegre, 2007.

ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro. Existência, liberdade e dialéctica: no centenário do nascimento de Sartre. **Revista Diacrítica (Filosofia e Cultura)**, Braga-Portugal, v. 19, n. 2, p. 127-169, 2005.

RODRIGUES, Osvaldino Marra. Liberdade (e) Angústia em Sartre. El genio Maligno - **Revista de Humanidades y ciencias sociales**, Granada – Espanha, n. 7, p. 158-182, set. 2010.

SANTOS, Vilson Ribeiro. O homem e sua circunstância: introdução à filosofia de Ortega y Gasset. **Metanoia**, São João Del Rei-MG, n. 1, p. 61-64, jul. 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.